



# Luterano

Época Vida Legado

Vantuil G. dos Santos

*Interio*  
Época Vida Legado



# Luteiro

Época Vida Legado

Vantuil G. dos Santos

1ª edição



CPAD  
Rio de Janeiro  
2017

Todos os direitos reservados. Copyright © 2017 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Cristiane Alves

Capa: Fábio Longo

Projeto gráfico: Elisangela Santos

Editoração: Elisangela Santos

CDD: 240 – Moral cristã e teologia devocional

ISBN: 978-85-263-1458-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus  
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ  
CEP 21.852-002

1ª edição: Abril/2017

Tiragem: 3.000

*Às cinco mulheres da minha vida: minha mãe  
Esmeralda que, com ciência e sabedoria soube me  
conduzir, tal como Lutero, “às portas do paraíso”.  
Minha esposa Mirian pela paciência e compreensão  
das muitas horas que declinei de sua insubstituível  
companhia, em função das leituras e preparo desta obra.  
Minhas filhas Elaine, Luciana e Claudia cujo meu  
amor é mais forte que minha força.  
Com amor dedico.*



Existem homens e mulheres que brilham  
como estrelas no firmamento e que somente são  
ofuscados pela luz do sol, porém, sem serem vistos,  
continuam brilhando. Lutero é esta estrela  
ofuscada pelo Sol da Justiça.





## Apresentação

Aqui, não está um livro sobre a Reforma Religiosa do século XVI. Faço essa observação, pois quando se fala em Lutero, logo nos vem à mente o tema Reforma. Falar de Lutero e não relacioná-lo ao tema é impossível. Martinho Lutero transformou em sinônimo da Reforma. O seu nome também está ligado, direta ou indiretamente, as Reformas da Europa ocorridas no referido século. Não é caso deste livro, embora a Reforma apareça, às vezes, como pano de fundo. Estaremos apresentando o homem Lutero, com suas crises, problemas, frustrações, bem como suas vitórias e conquistas ao longo de sua vida.

Lutero não foi somente um homem do século XVI. Como um verdadeiro profeta, ele vislumbrou práticas para a sociedade moderna e contemporânea: temos assim uma apresentação de outro aspecto do reformador, isto é, a sua contribuição ou legado para nossos dias.

Meu interesse por Lutero começou no fim da minha adolescência quando li, creio que foi o primeiro texto, Heróis da Fé, do escritor Orlando Boyer, hoje editado pela CPAD, em que mencionava vários homens e mulheres em suas experiências impar com Deus e Lutero estava lá.

Os anos passaram e esse interesse nunca se apagou de minha mente, mas devido meu envolvimento profissional e pastoral, tive que declinar-me de uma leitura mais sistemática sobre o Reformador. Somente no início de 2000 reiniciei, posso dizer compulsivamente, minhas leituras sobre este homem que marcou a cristandade dos tempos modernos.

## Lutero

Um dos efeitos dessas leituras foram palestras que realizávamos. Este livro, em verdade, é fruto das palestras e surge como resposta aos pedidos de publicação. Assim nasceu a obra Lutero, Época, Vida, Legado.

Algumas considerações precisam ser alocadas:

Procuramos apresentar o tema numa perspectiva pastoral. Esperamos que esta leitura possa trazer, de alguma forma, crescimento espiritual e enlevo para “as coisas de cima”, pois sobre isso Lutero tem muito a nos dizer de sua própria experiência com Deus. Sabemos que experiências é peculiar a cada um, no entanto, somos um imã uns sobre outros, quer influenciando, quer recebendo influência. E Lutero revelou-se por seu caráter, um grande influenciador.

A vida de Lutero apresenta-se com muitos “prós”, mas também com a existência dos “contras”. Em minha exposição, é notória a ênfase nos aspectos positivos e não negativos. Sabemos que ao longo destes 500 anos ele nos foi apresentado desde um “javali selvagem” pisoteando a “seara do Senhor”, até ao extremo de um santo que em seu nome se faziam orações ao “Apóstolo da liberdade”. De minha parte, procurei destacar o seu lado bom de Lutero, mesmo sabendo de suas limitações históricas tais como a questão dos camponeses, o seu posicionamento sobre o casamento bígamo de Felipe de Hesse e a questão da escravidão em sua época, para mencionar alguns exemplos. No entanto, se colocarmos os prós e contras do reformador numa balança, veremos, em minha opinião, que o pêndulo iria se inclinar-se em direção aos prós. Muitos dos seus contras estão inseridos em seu contexto de época. Não podemos nos esquecer de que as ideias de Lutero refletem a ideologia daquele tempo, mesmo tendo avançado, em muitos aspectos. Leia, por exemplo, o conselho que ele dá aos nobres, conselheiros das cidades e camponeses pouco tempo antes de eclodir a revolta:

Por isso seria meu conselho sincero que se escolhessem dentre a nobreza alguns margraves e senhores e dentre

## Apresentação

as cidades, alguns conselheiros para tratar e resolver as questões de forma amigável [...] por outro lado, que os camponeses aceitem conselhos, no sentido de suprimirem alguns artigos [trata-se dos Doze Artigos do Campesinato da Suábia] que vão longe e alto demais.

Não estaria aqui, o embrião de um futuro sindicato? Uma questão para pensar!

Procurei apresentar um texto o mais informal possível, pois, objetivava o público não especialista. Por isso optei, mesmo estando alicerçado na bibliografia, pela ausência das fontes no livro texto e nos rodapés.

Fiz uma exposição predominantemente na primeira pessoa do singular, procurando levar a leitura para uma espécie de conversação. Numa linguagem simples, pessoal e direta ao leitor. Que nos perdoem os mais criteriosos ou especialistas.

A obra se apresenta em três partes. É bom que se diga que essas partes estão divididas simplesmente para tornar a exposição a mais didática possível, no entanto, elas estão intimamente interligadas. Não se compreende Lutero de forma coerente fora de seu contexto. O seu contexto, por sua vez, contribuía para que ele projetasse uma crítica ferrenha às instituições. Quando Lutero faz a crítica a que se propõem, apresenta a sua sugestão ou saída da situação que acabara de criticar. É nesse momento que flui o seu legado. Em seu momento histórico, por muitas vezes o reformador “fala no deserto”, no entanto, com o tempo suas palavras ganham força, consistência e passam a ser praticadas. Podemos citar, por exemplo, a sua reivindicação para que as missas fossem realizadas no vernáculo. Pois bem, somente no Vaticano II foi estabelecido que a missa poderia ser realizada na língua nativa. Com o tempo se torna clara a distinção entre o certo e o errado. Geralmente um legado não surge em curto prazo. Será que o Apóstolo Paulo ao escrever suas cartas aos romanos, por exemplo, imaginava que elas constariam como partes do Cânon do Novo Testamento? Com certeza a resposta seria: Não! O Apóstolo escrevia para as igrejas da época com

problemas específicos. O Cânon é uma evolução no qual ele contribuiu. Trata-se também de seu legado.

Na primeira parte apresentaremos o contexto de Lutero, isto é, a época e local em que viveu inserido: Europa do século XVI. Uma Europa caracterizada por mudanças em todas as áreas do conhecimento humano. Uma Europa que vivia o processo de crise final do Feudalismo e a formação de um novo modo de produção: o Capitalismo. Disse formação: é o que se convencionou chamar de época pré-capitalista. Nessa Europa em transformação, a Alemanha de Lutero nos é apresentada no bojo da crise com a emergência das cidades buscando seu espaço político diante de um imperador fraco e uma igreja em luta pela continuidade do *status quo*.

Na parte seguinte da obra apresentamos o homem Lutero. Família, infância, formação, entrada para o convento, casamento e principais obras. É o Lutero com suas crises existências até ao seu “caminho de Damasco”.

Concluimos com o legado. Que o leitor não pense que o legado de Lutero esgotou-se nestas poucas linhas. Para falar sobre a influência do reformador às gerações seguintes, teríamos que invadir terrenos nas áreas educacionais, políticas, filosofia, ética, moral, economia, etc. e etc. Mesmo não sendo um *expert* em todos os assuntos que discorria, no entanto, ele os respaldava ou inseria no que mais entendia: as Sagradas Escrituras. Lutero via na prática das Escrituras a solução para todas as questões que se envolvia.

Consta esta obra de um apêndice, com três vertentes que não estão inseridas no texto, mas que se relacionam diretamente a Martinho Lutero. Trata-se da cronologia, onde se destacam algumas das suas múltiplas atividades e informações sobre a sua vida. Segue-se a contemporaneidade do reformador com seus amigos, apoiadores e mesmo oponentes.

Sobre a conclusão da obra, prefiro deixar que o leitor, por si só faça a sua conclusão.

Parafraseando Pilatos, digo: “Eis aí o ... livro”.

# Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Apresentação.....                                | 09  |
| Contextualizando .....                           | 15  |
| Experiência de Vida.....                         | 16  |
| Leitura Condicionada.....                        | 17  |
| Nas entrelinhas .....                            | 18  |
| <br>   |     |
| <i>Primeira Parte: Época</i> .....               | 21  |
| Lutero e seu Tempo .....                         | 23  |
| Sacro Império Romano-Germânico .....             | 25  |
| Alemanha do Século XVI.....                      | 33  |
| Wittenberg.....                                  | 36  |
| <br>   |     |
| <i>Segunda Parte: Vida</i> .....                 | 39  |
| O Homem Lutero .....                             | 41  |
| Uma Vida Moldada .....                           | 42  |
| Do Nascimento até a Entrada para o Convento..... | 49  |
| Mansfeld .....                                   | 50  |
| Eisenach.....                                    | 52  |
| Universidade de Erfurt .....                     | 53  |
| O Frade no Convento .....                        | 55  |
| O “Pai” Staupitz.....                            | 59  |
| Casamento e Família .....                        | 69  |
| Carta ao Filho Hans em 1505 .....                | 73  |
| As Obras de Lutero .....                         | 78  |
| Lutero e a Arte de Viver .....                   | 85  |
| <br>   |     |
| <i>Terceira Parte: Legado</i> .....              | 89  |
| Lutero 16/21 .....                               | 91  |
| O Legado de Lutero .....                         | 93  |
| Nova Compreensão das Escrituras.....             | 94  |
| O Atual Cânon e Lutero.....                      | 99  |
| Liberdade de Consciência .....                   | 104 |
| Os Dois Reinos.....                              | 107 |

## Lutero

|   |     |
|---|-----|
| O Alemão Moderno e a Tradução da Bíblia.....                                      | 110 |
| Desenvolvimento do Estado Moderno .....   | 115 |
| Sobre a Liturgia .....  | 118 |
| Lutero e a Psicanálise .....  | 121 |
| Reformulação e Formação da Identidade Católica...                                 | 127 |
| Vozes Dissidentes .....   | 130 |
| O Concílio de Trento .....  | 131 |
| Vaticano I e Trento .....   | 135 |
| Vaticano II.....  | 137 |
| Situação do Homem Diante de Deus.....   | 139 |
| <br>  |     |
| Conclusão .....   | 149 |
| <br>  |     |
| Bibliografia .....  | 153 |
| <br>  |     |
| <i>Apêndice I</i>   |     |
| O Legado dos Reformadores .....   | 157 |
| <br>  |     |
| <i>Apêndice II</i>  |     |
| Cronologia da Vida de Lutero.....   | 165 |
| <br>  |     |
| <i>Apêndice III</i>   |     |
| Lutero e seus Principais Contemporâneos Reformadores<br>Ligados às Reformas ..... | 169 |

## Contextualizando

Começaremos o nosso tema invocando uma cantiga mineira, bastante popular, a qual reproduzimos parte da letra, na esperança de cantarmos juntos:

Como pode um peixe vivo  
viver fora da água fria  
como pode um peixe vivo  
viver fora da água fria.  
Como poderei viver  
como poderei viver  
sem a tua, sem a tua  
sem a tua companhia.

Mesmo sabendo que essa cantiga é uma declaração de amor entre pessoas, podemos, no entanto, de forma semelhante, aplicá-la a uma íntima relação entre a pessoa e seu meio ambiente. Não existem pessoas alienadas do mundo em que vivem. Viver é manter-se em relação. O ser humano sempre reproduzirá a realidade em que vive, por meio de sua atitude, mesmo que seja inconscientemente. Tal como um peixe não vive “fora da água fria”, de modo semelhante não podemos viver sem a “companhia” de tudo que nos rodeia, seja por intermédio de ideologia, crença, costumes, valores e, em termos gerais, a cultura a qual somos inseridos. Estamos presos ou condicionados à realidade que herdamos. Mesmo sabendo



dessa verdadeira prisão; tendo consciência dos nossos limites frente a essa realidade e até mesmo vislumbrando uma mudança deste mundo que nos pressiona, estamos condicionados à esta situação. Jamais nos livraremos desta “água fria” ou “companhia”. Caso nos revoltemos e rompemos com nossa realidade cairemos em outra que foram construídas.

Foi assim no passado e assim será para sempre. Tomemos o exemplo do apóstolo Paulo. Jamais ele poderia escrever suas cartas às igrejas por ele fundadas, por intermédio de e-mail, rede social ou mensagem de texto, pois simplesmente não existiam em seu momento histórico. Nunca poderemos pensar num “Paulo internauta”. Paulo reproduziu suas cartas ou epístolas o seu próprio mundo vivencial, isto é, uma sociedade greco-romana do primeiro século da era cristã, bem como o judaísmo da dispersão. Na “cabeça” do apóstolo não havia um judeu da Judeia e sim um judeu da diáspora. Tal como todo ser humano, também é um “peixe” que não poderia viver “fora da água fria”. Podemos detectar frases, expressões, pensamentos e vários aspectos culturais nas palavras do apóstolo que faziam parte da cultura de sua época. Somos nós, na verdade, que precisamos contextualizar os escritos de Paulo à nossa realidade.

E assim caminha a humanidade!

De forma semelhante, ninguém é isento de imparcialidade quando escreve, lê, fala ou até mesmo quando pensa. Sempre refletiremos a realidade que vivemos. Não somos alienígenas e nem uma ilha, pois, não vivemos isolados. Já dizia o sábio Aristóteles que o “homem é um ser político”, isto é, vive na Polis; precisando se relacionar com o seu mundo. A prova de nossa humanidade é viver e conviver em seu meio.

## Experiência de Vida

Em minha experiência de professor, ao iniciar a aula, escrevia no canto do quadro uma pequena frase para reflexão. Além de escrever, reservava uns poucos minutos para a explicação e

desafiava as turmas a refletir. Lembro-me de que um dos pensamentos preferidos era a afirmação que: “Somos totalmente livres quando pensamos”. Esse pensamento transformara-se numa verdade insofismável, até mesmo um axioma, isto é, o que não carece de prova, porque se prova a si mesmo. Axioma é uma sentença tão abrangente e vigorosa a ponto de se constituir a última premissa. Assim, não havia quem contestasse este pensamento: somos livres somente no pensar. Puro engano e sofisma: estávamos equivocados, tanto o professor quanto o aluno. Até certos gracejos surgiam desta “máxima”, pois poderíamos pensar o que quiséssemos e não haveria nenhum perigo em ser descoberto. Somos livres para pensar e ninguém é capaz de descobrir o que pensamos.

Assim prosseguia com a aula após ter refletido sobre essa “verdade”. No entanto, lendo o psiquiatra Augusto Cury, descobri que não somos livres nem no pensamento. Sempre pensamos o que o cérebro projetou, por meio dos nossos sentidos. O que vemos, sentimos, experimentamos, em outras palavras, tudo que vivenciamos são como “arquivos” que o nosso cérebro armazena e são transformados em pensamentos. Estaremos sempre reproduzindo e projetando todo um acervo que o nosso cérebro produziu. Ao pensarmos estamos revelando a nós mesmos o que o cérebro arquivou. Isso nos revela que, até no pensamento, estamos condicionados ao mundo que nos rodeia. Vivemos num ambiente cultural e ideológico que nos molda.

### Leitura Condicionada

Verdade semelhante se aplica à leitura de uma obra. Toda leitura que fazemos, projetamos na leitura o nosso mundo, ou seja, “cada um lê com os olhos que tem” e interpreta a partir de onde os pés pisam. “Cada ponto de vista é a vista de um ponto”, afirmou L. Boff. Na prática, quando lemos, a nossa leitura está sendo interpretada por nós mesmos. Ninguém conta uma história, na verdade, recontamos. Assim, sempre estaremos projetando sobre o que lemos o nosso próprio acervo

adquirido ao longo do tempo e, nessa leitura, sempre adicionaremos algo de nós mesmos ou que nos foi transmitido. O psiquiatra J. Jung sentenciou que: “Nascemos originais e nos tornamos cópias”. Nenhuma leitura será imparcial. Haverá sempre o nosso “achômetro”. Nesta linha de raciocínio, Frei Betto afirmou que “a cabeça pensa onde os pés pisam”. É de Inajá Martins de Almeida a edificante trova:

Dê-me uma metade de lã e eu teço um agasalho.  
Dê-me uma palavra e eu formulo uma frase.  
Dê-me uma frase e eu escrevo um texto.  
Dê-me um texto e eu componho um livro.

Podemos detectar também a dimensão da leitura, na medida em que sempre estaremos “viajando” por meio dela. Vamos além do que lemos. Certamente, você já leu uma determinada obra e posteriormente a assistiu transformada em uma novela, filme ou peça teatral. Geralmente, apreciamos mais a sua leitura do que a sua visualização, pois na leitura, viajamos. Os olhos vêem a imaginação transvê.

Assim sendo o pensamento, a leitura e o que escrevemos sempre estarão ligados, e até mesmos relacionados, à nossa experiência de vida. Conscientes ou não, sempre estaremos retirando do nosso acervo psíquico o acumulado em nossa existência e tudo estará refletido no que realizamos.

## Nas Entrelinhas

O que é verdade na ética, política, moral e sociedade, é na teologia. O teólogo H. Richard Niebuhr, afirmou que “as opiniões teológicas têm suas raízes na relação entre a vida religiosa e as condições culturais e políticas prevaletentes em qualquer grupo de cristãos”. Ao escrever, seja em qualquer nível ou situação, sempre vamos deixar refletir nossa própria experiência. Tomemos o exemplo de K. Barth em sua palestra proferida

a 10 de março de 1933, em plena ascensão do Nazismo, que deixa transparecer nas entrelinhas, o governo tirano de Hitler: “Toda teologia tem ‘outros deuses’, e sem dúvida alguma eles estão ali onde a gente e onde ela mesma menos o percebe”. Sempre deixaremos, de forma clara e evidente ou, então, “às escondidas” a realidade vivida tanto de quem escreve ou para quem se escreve. Por isso, para se compreender um texto de uma determinada época, seja de passado remoto ou mesmo recente, se faz necessário o prévio conhecimento do contexto sócio-cultural em que foi redigido, para melhor conhecer e assimilar o pensamento do autor e seu posicionamento frente ao seu momento histórico. Todo texto encontra-se inserido num contexto. Este poderá estar nas linhas próximas ao texto ou distante tais como nas instituições culturais da época e mesmo numa ideologia dominante. Nunca um texto será neutro e imparcial.

Pode-se ocorrer também o inverso. Muitas vezes nos ajustamos a uma nova realidade que experimentamos e temos que nos “enquadrar”. Tenho minha própria experiência ministerial em relação à contextualização ou ambiente social. Na década de 1980, iniciei o pastoreio de uma igreja em uma comunidade carente. Havia, inclusive, nesta comunidade um local em que os próprios moradores classificavam-no de “Beco da Miséria”. Era a área mais pobre dentre a pobreza da comunidade. Certa feita, no início do meu trabalho, subindo o morro em direção ao templo, trajando terno e gravata, um morador, ao passar por mim e em resposta ao meu cumprimento, respondeu-me de forma, que para mim foi contundente e reveladora: “Bom-dia, Doutor!”. Minha interpretação à resposta daquele morador foi um pedido do mesmo para que eu me contextualizasse. Descobri que estava “deslocado” da realidade ao iniciar meu trabalho pastoral. Sempre estaremos ligados a um contexto e muitas vezes precisamos nos “ajustar”.

De forma semelhante correu com Martinho Lutero.



Primeira Parte

# Época



## Lutero e seu Tempo

Toda a exposição anterior foi para demonstrar a relação existente entre Lutero e seu ambiente europeu ou, utilizando a expressão de Lucien Lefbvre, “Lutero e seu destino”. Ele era filho de seu tempo, inserido num ambiente social, político, religioso e cultural do fim da Idade Média, período que se estende de 476–1453, e início dos chamados Tempos Modernos. Podemos ver um Lutero “medieval” e “moderno”, não somente agia, mas também refletia o momento histórico em que atuava. Sempre ao fazer história ou escrever faz-se a história do historiador. Ao se escrever sobre história, percebe-se a história do próprio historiador, pois ele se encontra inserido. Lutero não foge à exceção. Vemos, projetado em todo o desenrolar da Reforma, cujo ator principal era ele, acontecimentos simultâneos e interligados, próprios de sua sociedade, dos quais o reformador fazia parte. Lutero era um dos elos dessa corrente. Aconteceram fatos no século XVI que, direta ou indiretamente, contribuíram positivamente para o sucesso da Reforma. Alguns posicionamentos de Lutero fazem parte da ideologia daquela época e devem ser analisados com nessa perspectiva. Se quisermos avaliá-los devemos fazê-lo como filho do seu próprio tempo e não sob a ótica de nossa atual sociedade.

Qual o contexto de seu tempo? Em linhas gerais podemos sublinhar os aspectos *econômicos e tecnológicos*. Na época de Lutero a expansão marítima estava a todo vapor com as viagens



às Índias, facilitada pelas novas caravelas, na busca frenética das especiarias; a invenção da imprensa com tipos móveis, em muito facilitou a divulgação das obras e ideias de Lutero; e a conquista das colônias americanas o que contribuiu para o incremento comercial. No âmbito *político* inicia-se o processo de centralização política, concomitante com a crise do feudalismo como modo de produção e a emergência de um grupo social que se fortalece ao longo dos séculos e em apoio aos reis: a burguesia. Os camponeses, bem como a própria burguesia procuram um “lugar ao sol” nesse momento em que se convencionou chamar de transição do Feudalismo ao Capitalismo. O Capitalismo ensaiava seus primeiros passos como futuro modo de produção. Será o momento dos grandes negócios patrocinados pelas Casas bancárias europeias, da intensificação de vendas a crédito, dos juros, lucros, mas valia e demais práticas do moderno capitalismo. No contexto *cultural* temos paralelamente o Humanismo e o Renascimento que, dentre suas características está a volta às fontes originais (*Ad fontes*), cujo máximo representante foi o humanista Erasmo de Roterdã, que em 1516 traduziu o Novo Testamento diretamente do grego, obra que será a base para as traduções da Bíblia pelos reformadores e durante 300 anos serviu de texto padrão dos protestantes. Por último, para citar somente esses poucos fatos, temos o aspecto *religioso*. Diante de todas essas transformações a igreja oficial resistia, não somente as mudanças necessárias inerentes a esse novo mundo ou a essa nova Europa que desponta, mas também se mostrava incapaz de atender as necessidades de sua população que cada vez mais se secularizava, porém sem perder seus anseios espirituais, em especial a preocupação com a salvação. Havia, por parte da igreja, muitas incertezas teológicas e conflitos entre as Ordens Religiosas. Quando Leão X assumiu o pontificado, foi feita uma procissão em que se podia ler uma grande faixa com os dizeres: “Outrora governou Vênus [Alexandre VI], depois Marte [Júlio III]; agora Palas Atenas [Leão X] detém o cetro”.

Estes poucos exemplos revelam a situação da igreja.

Outros fatores que iremos abordar prepararam um terreno fértil para a obra realizada pelo reformador. Há séculos fora tentada por vários “precursores” sem sucesso imediato, pois não havia condições estruturais para a realização plena. No mundo de Lutero as condições eram outras.

E é isso que estaremos demonstrando!

Devido à natureza do tema proposto e com precaução para não estender em demasia e, assim, fugir ao objetivo proposto, estaremos discorrendo principalmente sobre duas situações diretamente ligadas a Lutero e que irá refletir na vida do reformador e, por extensão, à própria Reforma.

Em primeiro lugar, temos um elemento mais amplo no contexto de Lutero: o Sacro Império Romano-Germânico. Sabemos que o Sacro Império era a Alemanha e a Alemanha era o Sacro Império, no entanto, havia desdobramento de interesses quando se refere ao Império. No momento histórico da atuação de Lutero, o seu país, a Alemanha, era o que se chamou posteriormente de 1º Reich, diferenciando assim do 2º (1871-1918) e 3º Reich (Alemanha Nazista). Em segundo lugar, mais próxima ao reformador será o seu próprio país, a Alemanha do século XVI. Para o desenrolar da ação de Lutero, essas duas situações formavam “uma mesma moeda com seus lados”. A política externa do Império contribuía para a atuação de Lutero.

## Sacro Império Romano-Germânico

Antes da análise tanto do Sacro Império quanto a situação da Alemanha do século XVI cremos ser válida a analogia com as palavras de Paulo em Gálatas 4.4: “*Vindo a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho*”. Tem causado estranheza para alguns, Paulo utilizar *cronos* para se referir ao tempo. *Cronos* é o espaço de tempo longo ou breve. Também significa duração, tempos, séculos. Vamos ilustrar a ideia de *cronos*. Quando se compra algo por meio do crediário, leva-se a mercadoria e é estipulado o tempo máximo para que haja pagamento. Ao levar a mercadoria,

sabe-se que existe um tempo preestabelecido para a realização do pagamento. Ao término do pagamento, a mercadoria é do comprador. Somente após ter cumprido o tempo para o pagamento, o comprador é dono legal do produto adquirido.

Foi exatamente o que Paulo afirma que Deus fez. Quando “se cumpriu o prazo, Deus enviou o seu Filho” para nos livrar tanto da Lei quanto nos receber como filhos. Podemos parafrasear o apóstolo afirmando que “vindo a plenitude do tempo”... Deus enviou Lutero! Ele viveu num momento histórico sem precedentes na realização da Reforma. O século XVI possuía todas as condições históricas, culturais, religiosas, políticas, espirituais, morais, entre outras, para a eclosão do movimento reformador. Estaremos apresentando como “pano de fundo”, o Sacro Império Romano-Germânico e as cidades alemãs no momento da Reforma. Não pretendemos ser exaustivos na apresentação de ambos, mas procuraremos mostrar a inserção de Lutero em seu mundo, o século XVI. Não podemos retirar Lutero de sua “água fria”, pois era a sua “companhia”.

Também é oportuna uma observação. Trata-se da distinção entre o Império Romano-Germânico e a Alemanha. Podemos compará-lo a uma moeda que tem dois lados, ou seja, são duas realidades que se completam, mas com diferenças muito tênues. A Alemanha do século XVI compunha o Sacro Império Romano-Germânico, (a partir de agora, o Sacro Império), no entanto, muitos grupos sociais divergiam da política do Império, principalmente entre as cidades alemãs. O próprio imperador na época de Lutero, Carlos V não era alemão e nem ao menos falava o alemão. Além de imperador do Sacro Império era também Rei da Espanha e Arquiduque da Áustria, como Carlos I.

Não podemos separar a Reforma na Alemanha do século XVI do Sacro Império. Várias questões eram prorrogadas por interesses políticos de grupos dominantes e, também, devido à situação conflitante na Europa. Muitas vezes sendo deixadas para tratamento posterior. Na verdade, política e religião mesclavam-se em interesse e com isso “o caso Lutero” ia sendo postergado, favorecendo de certa forma o reformador.

O Sacro Império foi um aglomerado de povos da Europa Central fundado sob a aquiescência da igreja visando interesse de sobrevivência na luta pelo poder. Com o esfacelamento do Império Romano, no século V, em toda a Europa Ocidental, o poder ficou descentralizado pelos chamados reinos bárbaros, tais como os godos, visigodos, germânicos, estrogodos, vândalos e francos, citando os mais proeminentes. A igreja via uma necessidade urgente não somente em ocupar espaços vazios, mas também impor-se em seu mundo hostil. Esse mundo hostil estava potencialmente latente, no Oriente, porque o patriarca de Constantinopla rivaliza em autoridade com o papa Romano; por causa da existência de vários reinos bárbaros que optaram pelo arianismo em seus domínios, tais como visigodos e ostrogodos; também pela corrente donatista que simultaneamente competia com a Cúria Romana, em especial no norte da África; em razão da perseguição de fiéis católicos romanos e o confisco de bens e templos. A igreja enfrentava uma situação delicada, pois havia ficado “sem chão”, com uma atuação centrada principalmente no sul da Itália. Desde as conquistas bárbaras precisava de uma restauração ao *status quo* e de um respaldo político de grande monta. E esse respaldo será o reino mais consistente, forte e de conotação católica romana: o reino franco.

Sob a bênção da igreja, ao longo dos séculos, em especial com os Imperadores Carlos Magno, no século IX, e Otão I, em fins do século X, a igreja a “trancos e barrancos”, com avanços e recuos, às vezes, como senhora e outras vezes vassala, abençoando e sendo abençoada, aliando-se com amigos e inimigos, vai se consolidando e ditando muitas vezes as regras para a sociedade do seu tempo. Um verdadeiro jogo de equilíbrio e interesses vai se processando, com diversas alianças, geralmente escusas.

De forma didática podemos distinguir cinco períodos na formação do Sacro Império: um primeiro, no qual se assiste a uma redistribuição das forças dos reinos bárbaros no antigo Império Romano do Ocidente, abrangendo os séculos V e o

VI; o segundo, que se inicia pela separação entre o Ocidente e o Oriente, ficando o papa do lado do Ocidente; o terceiro, decorre sob o domínio de Carlos Magno, que instala a ordem cristã no Ocidente; no decurso do quarto, a igreja, chamando a si a herança de Carlos Magno, vinga-se do poder temporal; durante o quinto, finalmente, a dinastia dos Otões tenta reconstruir o Império do Ocidente. Deve-se observar o jogo de interesses entre o Império e a igreja, pois em nome de Deus não somente se busca a supremacia política, mas as vantagens oriundas do próprio poder. O Império por sua vez por meio de “conversões” procura o controle da grande massa católica. Uma mão, lava a outra.

Deveras, esse Império sempre foi uma farsa desde a sua origem. Os cronistas da época do imperador Otão I (962 - 973), afirmavam da preferência do termo “Augusto” (divino) ao invés de Romano. Para o imperador só é romano de um ponto de vista muito formal, sobretudo, em matéria de sucessão e inclusive para não entrarem confronto com o Império Romano do Oriente. O termo Império Romano, será aplicado no momento em que o Imperador de Constantinopla não mais o reconhece como tal. A partir daí os partidários de Otão I se empenharão para que o imperador se torne o “Imperador dos Romanos”, porém, visando mostrar que os romanos estavam sob o seu poder. O embaixador de Otão I, Liutprand, segundo Touchard, afirmara que “pelo que nos diz respeito, nós, Lombardos, Saxeões, Francos, Lotaríngios, Bávaros, Suevos e Borguinhões, desprezamo-los tanto [aos romanos] que a maior injúria que podemos fazer aos nossos inimigos é chamar-lhes ‘romanos’, estando implícito neste termo tudo o que é baixeza, covardia, avareza, luxúria, deslealdade e todos os vícios em geral”. Otão III fará o possível para restaurar o antigo império cristão, segundo o qual a ele caberia por direito a direção da cristandade, enquanto os papas se reduziam ao papel de grandes padres encarregados do ministério da oração. Assim, o nome Sacro Império Romano Germânico é resultado de um processo. E

neste processo, ao longo dos séculos, os imperadores alemães perderam a batalha para o papado na Idade Média.

O historiador luterano Martin Dreher afirma que este Império foi mais “ficção” do que uma realidade política dominante e centralizadora. O próprio nome Germânico já revela que não seria mais possível restabelecer o Império Romano que sonhara seus fundadores. Voltaire mesmo, afirmara no século XVIII, que o Império “não era santo, nem romano e nem germânico”.

Neste contexto nasceu Lutero. Ele foi contemporâneo a dois Imperadores: Maximiliano I, governou de 1493 a 1519 e Carlos V, de 1519 a 1556. Maximiliano I nascido em 1459 e morto em 1519, da Dinastia de Habsburgo, foi rei de Roma em 1486 e imperador do Sacro Império de 1493 até o ano de sua morte. Ligou a sua dinastia às da Espanha e da Polônia. Foi avô do seu substituto Carlos V, imperador de 1519 a 1556. Herdeiro dos territórios dos Habsburgo (Áustria, Burgúndia, Boêmia e Hungria), dos reinos espanhóis, com Nápoles, Sicília e da América espanhola. Em 1519, os príncipes-eleitores, corrompidos pelo dinheiro dos Fugger, o elegeram imperador alemão. Essa dinastia perdurou até 1806, quando foi derrotada pelos exércitos de Napoleão. Uma das formas de expansão desta Casa era a política casamenteira. Casando seus parentes com outras Dinastias reinantes, a expansão era uma garantia. Aliás, uma prática comum entre os soberanos europeus. Veja por exemplo D. Pedro I, Imperador da Dinastia Bragança, casado com D. Leopoldina de Habsburgo. A única força paralela em oposição aos Habsburgo, e que não conseguia superá-la era a Casa dos Hohenzollern, que por sua vez pleiteava o poder imperial

Quando se fala em sucessão neste Império imediatamente se relaciona a uma crise. Havia uma verdadeira luta e competição para se conseguir a coroa imperial. Quem pagasse mais, geralmente, levava a coroa. Milhares de florins eram investidos para a compra de apoio político, e sempre havia candidatos

se apresentando. Com a morte do Imperador Maximiliano, por exemplo, pleiteavam ao cargo Carlos V (Rei da Espanha) e Henrique VIII rei da Inglaterra e o próprio rei Francisco I com suas pretensões. Todos por sua vez procuravam ganhar apoio para suas ambições imperiais, e com isso muitos gastos. Para a eleição de Carlos V, este imperador eleito, investiu hum milhão de florins, dinheiro pego da Casa bancária dos Fugger. O próprio Jacob Fugger lembrou ao imperador que “é sabido e não é preciso enfatizar, que Vossa Majestade, não poderia ter obtido a coroa romana sem meu auxílio”. Esse exemplo por si só revela o comprometimento dos imperadores com os banqueiros da época. Também para a eleição de Carlos V algumas decisões foram tomadas, revelando o tipo e limitação política da pessoa do imperador: as principais decisões não deveriam ser tomadas sem a consulta dos estados alemães; alemão e latim deveriam ser as línguas oficiais; estrangeiros deveriam ser excluídos de cargos imperiais alemães; tropas estrangeiras não seriam permitidas na Alemanha e os recursos imperiais não deveriam ser usados em favor de interesses dinásticos. Na perspectiva de Lutero, outro poder controlava o Sacro Império: a cúria Romana. Em uma de suas principais obras, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã*, ele declara: “Deixai o imperador alemão ser imperador genuína e livremente, não permitindo que seu poder e sua espada sejam suprimidos por essas cegas alegações de hipócritas papais como se estivessem eximidos da espada e devessem governar sobre todas as coisas”.

O rei francês Francisco I, por suas pretensões ao Império, pagava mercenários “protestantes” em suas guerras contra Carlos V, guerras que perduraram durante todo o governo dos Habsburgo. Ao mesmo tempo em se utilizava de “protestantes” no conflito com Carlos V, perseguia-os na França. A igreja, por sua vez, inclinava-se para o príncipe eleitor da Saxônia e protetor de Lutero, Frederico III, o Sábio. O papa Leão X se esforçava para que o referido príncipe fosse candidato ao Império, para fazer frente à Casa dos Habsburgo e, com isso,

hesitava em agir com toda a força contra Lutero. Por cerca de um ano, Roma preferiu alcançar as boas graças do príncipe-eleitor para impedir a eleição de Carlos V e assim Lutero foi ganhando em extensão e ressonância.

A história não poder ser feita pelo “se”, ou melhor, “se tivesse acontecido assim seria melhor”. Vamos citar um exemplo. É comum ouvir alguém dizer que “se” o Brasil não fosse colonizado pelos portugueses, estaria melhor. Seria outra realidade. Inclusive citam os Estados Unidos que foram colonizados pelos ingleses. Trata-se de um grande equívoco. E países africanos que foram colonizados por grandes potências europeias? Como estão hoje? E alguns países da América central e sul que também foram colonizados por essas grandes nações. Seja qual for o país que nos colonizasse, estaríamos, possivelmente na mesma situação, pois fomos descobertos para sermos uma colônia de exploração, diferentemente da colônia de povoamento, ocorrida na outra América.

Assim não podemos refletir em história com o “se”. Pergunta-se: seria melhor para Lutero a eleição de Francisco I da França? De Henrique VIII da Inglaterra? Ou Frederico III da Saxônia Ernestina? Sabemos que tanto a França como a Inglaterra não toleravam outra religião em suas terras, pois estavam num processo de centralização política e a religião se tornara oficial e atrelada ao Estado Absolutista. Não havia tolerância para toda a oposição religiosa nesses Estados. Tanto na França quanto na Inglaterra milhares de protestantes foram perseguidos e mortos. Basta citar somente um exemplo, quando milhares de huguenotes, assim chamados os protestantes franceses, foram mortos na chamada “Noite de São Bartolomeu”. O lema do Estado Absolutista Francês era “um rei, uma lei, uma fé”. E quanto ao príncipe Frederico, até mesmo declinou em favor de Carlos V? Teria tanta autonomia para cuidar do “caso Lutero” quanto teve como príncipe da Saxônia? Tal como Carlos V, teria que se envolver, caso fosse eleito, com guerras infindáveis com a França de um lado e a ameaça turca



constante de outro. A história não responde aos “se”, todavia, repetiremos o que foi dito anteriormente: “vindo a plenitude dos tempos” ... Deus enviou Lutero.

Nessa disputa pelo poder, os principais banqueiros europeus, os Fugger e os Welser, investiam nas suas aspirações e o povo é quem pagava pelos empréstimos. As grandes forças políticas no Império eram as Casas bancárias, principalmente do Fugger que tinham escritórios em Roma, Cracóvia, Antuérpia e Madri. Eles eram proprietários das minas de cobre na Hungria e de sal na Transilvânia.

Os banqueiros Welser, não deixavam por menos, estavam estabelecidos em Augsburg e tendo recebido o direito em explorar o território da Venezuela por conta das dívidas dos Habsburgo. Tinham escritórios em Lisboa e Índia.

Conforme visto acima, a declaração de Jacob Fugger, reivindicando para si a eleição de Carlos V como Imperador do Sacro Império, revela o comprometimento do governante com determinados grupos econômicos, revelando também o que norteava a disputa pelo poder imperial. Sabe-se que o imperador era eleito pelo voto de 7 príncipes eleitores desde o século XIII. Príncipes que poderiam ser eclesiásticos ou seculares alemães. Eram eles os arcebispos de Mogúncia, Colônia, Tréveris, o duque da Saxônia, o margrave de Brandenburgo, o rei da Boêmia e o duque do Palatinado junto ao Reno. Nas Assembleias do Império as Dietas formavam um colegiado independente e defendiam os interesses particulares dos territórios alemães contra a administração imperial.

Para as eleições, tanto do imperador quanto dos príncipes e cargos eclesiásticos um grande investimento seria necessário. Alberto de Mogúncia, arcebispo de Magdeburgo, quando se candidatou ao arcebispo de Mogúncia, precisou de uma vasta importância que os Fugges adiantaram e esses os recursos seriam pagos em Roma. Os Fugger conseguiram a publicação de uma indulgência, que consistia na venda de remissão da pena temporal devida a Deus por causa do pecado. Na referida venda era “formalmente”, usada a expressão do historiador Martin Dreher,

# Lutero

## Época Vida Legado

A história mostra Martinho Lutero como a figura central da Reforma Protestante. Suas 95 teses afixadas na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg foram de vital importância para o processo de separação da Igreja Católica Romana e para o mundo Ocidental ser o que é hoje.

Mas entender a complexidade da Reforma Protestante e o grande passo dado pelo monge alemão não é possível em sua totalidade sem o prévio conhecimento do contexto vivido. Nesta obra, o pastor Vantuil Gonçalves traz um estudo da época e vida de Martinho Lutero, além de mostrar que a popularização da Bíblia para o povo e a liberdade de consciência são alguns dos legados deixados por ele.

**VANTUIL GONÇALVES DOS SANTOS** é pastor assembleiano, licenciado em História, bacharel em Teologia, professor de História e Ensino Religioso em escolas públicas, ex-diretor do Instituto Bíblico de Niterói e São Gonçalo (RJ), escritor de artigos sobre a Reforma Protestante, preletor da conferência “Encontro Teológico com Lutero e seu legado”.

